

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA

SEMANARIO HUMORISTICO

Grupo Literário de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director artistico e Secretario da Redacção

OCTAVIO SERGIO

OCTAVIO SERGIO



## À margem da miraculada



OCTAVIO SERGIO

—Ora bolas! A mim abrem-se-me as chagas a cada passo e mais ainda ninguém me chamou santo.



Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.da

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 3 Pôrto, 7 de Maio de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

Colónias

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

Estrangeiro

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que  
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

### 14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.  
Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Telef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Uelef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.

Rua Anselmo Braancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

**Na FOZ** — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314—FOZ.

**Em MATOZINHOS** — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da  
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR  
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,  
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA  
de vinho autêntico velho do Porto!



Teleg.: ADEU PORTO  
GAIA

Telef.: PBX 33 PORTO  
133 Matozinhos

## Amadeu Martins Pinto

— ESCRITÓRIOS: —  
Rua General Torres, 1  
VILA NOVA DE GAIA  
(Portugal)

Prová-los é  
preferi-los  
— sempre —

VINHOS  
AMADEU

Sabor —  
— Aroma —  
— Pureza —

## O PINTO Camiseiro

aquele célebre rapaz que anda  
sempre de côco, tem o des-  
côco de declarar que na sua  
casa da

Rua dos Clérigos

se fazem as camisas mais per-  
feitas.

Tentem desmenti-lo, preferindo  
a sua casa.

## FILCO (Americano)

O Rádio-receptor da aristocracia

Não necessita antenas  
O mundo nos ouvidos

.....

PEÇAM CATÁLOGOS AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO NO NORTE

Ricardo Lemos  
Rua Formosa, 304 — PORTO

.....

NO SUL:

Radiofila, L.<sup>da</sup>

Rua Nova do Almada, 80-2.º — LISBOA





# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Acabam de ser descobertas na Arábia umas inscrições cuneiformes que veem lançar muita luz sobre o célebre episódio de Rute e Booz.

Como sabe toda a gente que tenha o curso de Letras, Booz era um velhote muito rico, junto do qual a juvenil Rute veio deitar-se no campo, à hora da sesta, sob a mesma capa. Booz, encantado com a rapariga, atirou para trás das costas a sesta e o sexto, e levou-a consigo, passando a viver com ela de casa e pucarinho. Isto não tem nada de pornográfico, porque vem na Bíblia.

O que não se sabia, porém, é que o exemplo de Rute frutificou. Dentro de pouco, nada menos de quarenta velhotes — todos opulentos — encontraram outras tantas Rutes. Ficaram nadando em venturas, os felizardos, e resolveram, para festejar o dia do primeiro encontro, jantar em fraterno convívio todas as terças-feiras.

Foi este — rezam as inscrições — o primeiro Club de Rutários.

Foi nomeada uma comissão de médicos para examinar as chagas da estigmatizada de Lamego.

Consta-nos que o sr. Álvaro Chagas e o sr. Chagas Roquete pediram também uma junta.

Os Vegetarianos acabam de eleger, para seu padroeiro, S. João Baptista, porque só comia raízes e ervas cruas. Por seu lado, as nudistas do sexo feminino escolheram Santa Maria Egípcíaca porque passou cinqüenta anos nua no deserto.

E ainda por outra razão...

Os senhores devem ter lido a notícia no «Diário das Ditas», de Lisboa: desabou um temporal enorme sobre uma região americana, considerada «o centro das bananas» e fez uma razia pavorosa.

Lavra grande consternação entre os habitantes — acrescenta o jornal. Se lhes parece! Ver assim devastado o centro das bananas, e todas elas caídas, separadas do tronco, inúteis para sempre!

Até os macacos — e as macacas — vão sofrer com a crise.

O' senhores! Não acabará essa negregada disputa jornalística sobre a substituição da etiqueta da Avenida 24 de Julho, em Lisboa?

Querem uns que ela continue a ter a desi-

gnação primitiva. Pretendem outros crismá-la de «Nunálvares». E até já houve quem, para pôr ponto na questão, propusesse que «essa importante artéria fôsse partida ao meio, ficando metade para o 24 de Julho e a outra metade para o Condestável».

Afigura-se-nos perigoso o processo alvitrado, embora plagiado de Salomão. Se a artéria é importante, do facto de a partirem pode resultar forte hemorragia, — e de sangue estamos nós fartos.

Antes seja inteiramente Nunálvares que,



nisto de ruas, o melhor era acabar com todas as datas.

Com todas, bem entendido, menos com as datas de marmeleiro nas costas dos adversários.

Afinal de contas, parece provado que Kreuger, o célebre rei dos fósforos, vive ainda, são e perfeito como um péro. Tal e qual como aquela formosa moreninha, que outro dia saíu de casa para se matar, e veio a aparecer em Valbom.

Louvado seja o Senhor! Até os suicídios andam falsificados!

Sua Excelência Reverendíssima mandou chamar um pintor célebre.

— Desejava que o senhor me pintasse os frescos da nova igreja.

— Tenho muita pena, mas não me será possível satisfazer a sua vontade. Ando cheio de reumatismo, e poderia piorar.

Mostra-se um diário lisbonense encantado com o serviço dos Correios, que são, segundo ele, de uma perfeição e rapidez incedíveis.

De facto, assim é. Sei de um rapaz que mandou por essa via uma declaração de amor a certa rapariga, e recebeu a resposta, mandando-o à fava, antes de a carta lá ter chegado.

Sua Santidade ordenou que a estação de T. S. F. do Vaticano funcionasse apenas com ondas compridas e extra-curtas.

Foi uma medida acertada. As curtas não ficavam bem no Vaticano.

Comunicam de Santarém que uma vaca, conduzida para o Matadouro entre um bando de cabritos, causou verdadeiro pânico na gente escalabitana, arremetendo contra os transeúntes e deixando alguns mal feridos.

Vejam o que fazem as más companhias. Por mais pacífica que a vaca fôsse, uma vez metida no meio de cabritos, o que havia ela de fazer senão encabritar-se?

Ao mesmo tempo, um telegrama de Madrid dá a notícia de que os touros da última corrida, levados de Portugal para lá, resultaram mais mansos do que cordeiros.

Querem ver que as vacas portuguesas armam em feministas, e os touros em cinéfilos?

Um lisonjeiro desastrado.

— Meu marido — dizia uma senhora — fêz ontem quarenta anos. Há, portanto, uma diferença de dez anos entre mim e êle.

— E' extraordinário! Ninguém dirá que vossa excelência já tem cinqüenta!

De uma ilustre escritora portuguesa: «O homem, até hoje, tem sido rei adentro do seu lar».

E' certo: porém com a restrição constitucional de M.<sup>me</sup> de Girardin: reina, mas não governa.

O clínico-director do manicólio do Telhal teve a interessante ideia de instalar nas dependências da casa um campo de foot-ball, para os doidos lá internados.

Vão ver vossas excelências o que é jogar com juízo. Enfim, vamos assistir a *matches* da pedibola sem desaguisados nem feridos.

Marcial JORDÃO.





## As últimas nevadas

Com o atraso costumado e perdoado às correspondências da província, recebemos os seguintes bilhetes postais dos nossos representantes:

**Montalegre, 13 de Março**—Meus caros amigos: isto por aqui tem sido o fim do mundo.

A neve é tanta que dá um aspecto triste a Montalegre. E' tanto o frio que os desgraçados coelhos, para se aquecerem, chegam a meter-se na bôca do lóbo. — C.

**Mezão-Frio, 15 de Março**—A neve cai abundantemente. Está tudo branquinho de tal maneira que é impossível distinguir as carvoarias das leitarias. Gelaram as lâmpadas eléctricas, e os matadouros só fornecem carne congelada. — C.

**Gouveia, 20 de Março**—Esta linda cabeça de comarca, está coberta por um lençol branquinho. E' tanto o frio que um habitante morreu engasgado. Estava a beber por uma garrafa e o vinho gelou, tapando-lhe os gorgomilos. E não se levanta nem uma ponta do lençol. — C.

**Nelas, 25 de Março (pelo telégrafo)**—Continuamos nelas... As nevadas não nos largam. O povo tem fome. Ceia está gelada. Também se não almoça, virtude leite das cabras congelado.

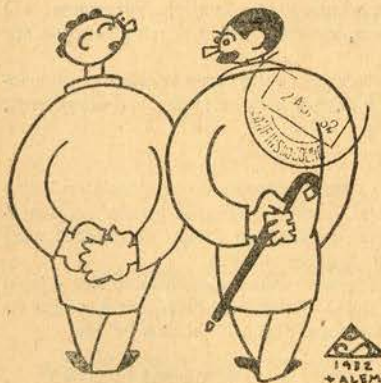
Quem se vê *Nelas* é que sabe. — C.

## Referências

Tem continuado os nossos colegas a referir-se ao aparecimento do nosso semanário, com palavras de boa camaradagem.

Entre outras, referem-se elogiosamente, o "Diário da Noite" de Lisboa e "Educação Nacional" desta cidade.

## Colaboração postal



—Que tal te dás com a tua nova criada?

—Tão bem que a minha mulher até já desconfiou.

(De Adalberto Sampaio, nosso correspondente em Sanfins do Douro).



## A Tôrre de Babel

Esta tôrre, foi construída à moda da Casa dos Jornalistas. Uns deram as pedras, outros, as tábuas, ainda outros os pregos, e alguns deitaram a cal às paredes.

Babel foi um rei da Lacedemónia a quem se meteu na cabeça ir ver o céu de perto. E tão bem soube dizer as coisas ao seu povo e a todos os povos do mundo que os levou à bebida. Cada nação mandou os seus delegados com ordenados em ouro, e começou a construção.

Como nessa altura ainda não era a francesa a língua internacional, houve uma confusão de línguas de tal forma que quando um português assentava um calhau, o francês dizia que era uma *Pierre*, o inglês uma *stone*, um espanhol uma *pedra*, e um brasileiro não dizia nada porque inda não existia; se não, era capaz de lhe chamar *perpianho*.

Há quem afirme que esta tôrre não foi mandada construir por vaidade, mas simplesmente, porque Babel era um tipo formidável. E como nessa remota era, se estava a passar no mundo uma pavorosa crise de desemprego, resolveu-a dando que fazer a todos os desempregados.

Data dêsse tempo o chamadoiro de arranha-céus aos prédios de mais de setecentos andares.

Mais de cem anos durou a sua construção. E por isso, a certa altura, do quinquagésimo andar para cima, já os operários que eram de todos os sexos, não podiam andar de cima para baixo. E por isso à medida que iam subindo, iam construindo o seu lar. Houve menino que lá viveu, cresceu, trabalhou e

morreu, sem nunca ter pôsto o pé na rua.

Só os fiscaís é que andavam de cima para baixo, e lá para o fim, levavam 10 anos em cada ida e vinda.

Mas um dia, a coisa ia já tão alta, que o Céu deu por ela. Naquele andar, ia já no 914.º, dentro em pouco começava-lhe a fazer cócegas nas estimadíssimas plantas. E começou a pensar de si para consigo, para que serviria aquilo afinal, se ainda não estava em uso a T. S. F. e a crise de habitação não se fazia sentir.

E pôde-se ver então o Céu com um dedo espetado na testa a pensar para que serviria aquilo. Neste pensar decorreram mais vinte anos, durante os quais os operários espanhóis fizeram 354 greves e dois atentados pacíficos.

Foi então que se deu o inevitável para eu terminar isto. Num dos comícios grevistas, um orador, dos inflamados, berrou tão alto que chegou aos ouvidos do Céu e foi descobrir o jôgo de Babel.

O Céu viu-se perdido; e como com céu perdido ninguém se meta, êste mandou chamar o ferreiro da casa, um tipo feio com muitas barbas chamado Vulcano, e encomendou-lhe um raio novinho em folha.

Vulcano confeccionou-o e trouxe-lho. Então o Céu ordenou-lhe que o atirasse direito à *tôrre*, o que êle fez com tanta certeza como o Waldemar a meter um goal.

Foi assim que a tôrre foi por água abaixo, arrastando com ela os homens, as mulheres, e as tentações.

José de ARTIMANHA.

## Na sala de pensar

Obrigar um peru a beber vinho é uma infâmia; é o que se pode chamar torcer a vocação duma pessoa. Porque é obrigar o peru a apanhar uma perua que lhe não servirá para nada.

Umás cuecas abandonadas na via pública (se fôsse na privada vá com os diabos), mas na via pública, dá a perfeitíssima ideia da distracção que pode haver num homem.

Há muitos homens com os quais não haveria nenhuma mulher que se casasse: São precisamente aqueles que se casariam com uma mulher qualquer.

Quem dá o que tem pratica uma bellissima acção. Mas se for um *boxeur* vai preso.

Quando alguém, depois da meia-noite, vos disser que são horas de ir embora, não vos fiéis cegamente. Olhai para o relógio que talvez seja só meia hora.

A mulher que se enamora dum guarda republicano, ama a força e gostaria de viver no corpo da guarda.

Quando um homem casa para ter alguém que trate dêle, faz a mesma cena que se cortasse a cabeça para não ter que usar chapéu.

ZÉ.





## O I Congresso de Radiotelefonía

A MARIA RITA é um jornal de grande circulação. E o que disser o contrário, contraria-me porque eu estou farto de ver este jornal a ser lido nos carros da linha 20 (grande circulação).

Por isso não podia deixar de, à semelhança dos potentíssimos diários, dar o seu concurso à simpática iniciativa do primeiro congresso de radiotelefonía.

É absolutamente necessário que os radiófilos não se limitem a ouvir! Há que falar também! É necessário que o célebre ditado latino do *falar humano est*, seja próprio do radiófilo.

Distribuídos os convites para a reunião magna da classe, na passada quinta-feira encheram-se os salões da nossa redacção.

Damos em seguida a resenha da primeira sessão.

### Constituição da mesa

Como não podia deixar de ser, tomou a presidência o venerando radiófilo Dr. Amílcar de Sousa, que foi recebido por uma salva de palmas.

Constituída a mesa o mais vegetarianamente possível, o sr. presidente abriu a sessão.

**O sr. Presidente** — Meus senhores: Está aberta a sessão. O fim que aqui nos trás é altamente altruista. A radiotelefonía é o maior remédio que se tem inventado em prol da humanidade. Não há tristeza, não há neurastenia, não há tuberculose que resista a um tratamento pela rádio.

**O sr. Francisco Bravo** — Bravo!

**O sr. Presidente (continuando)** — A própria hidrofobia, que antigamente era curada por um tratamento anti-rábico, passou a sê-lo por um processo rábico. Os próprios pós de Keating desapareceram do mercado, porque os parasitas vão desaparecendo por filtros de radiofonía (vide crónicas «A' esquina do Paraíso»).

**O sr. Júlio Prata** — Bravíssimo. Proponho uma salva de palmas. (*Dá-se a salva do Prata ao sr. Presidente*).

**O sr. Presidente** — E agora que todos sabem o fim para que foram convidados, dou a palavra a quem se julgar digno dela.

*Neste entremez o Silveira Freitas do «Século» desenha um gato de costas nos línguas onde escreve.*

**O sr. Vitor França (erguendo-se)** — Sr. Presidente e meus senhores: Pedi a palavra para lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> que o Norte deve marcar esplendidamente neste primeiro congresso...

*Um telegrafista da Boa-Nova (interrompendo)* — Té-té-té... té-té-té... etc.

**O sr. Vitor França (continuando)** — Eu sou um radiófilo da velha guarda... e sei muito bem as dificuldades que se passam para se agregarem 20 radiófilos. Por isso proponho para que seja nomeada a comissão representativa do Norte e que dela faça parte o meu querido amigo e velho radiófilo sr. Heitor Campos Monteiro,

**O sr. Tomaz Pessoa** — Muito bem, muito bem.

**O sr. Heitor C. Monteiro em aparte** — O França só desarma quando eu fôr nomeado para a conferência do desarmamento.

**O sr. Domingos Ferreira** — Peço licença para lembrar ao sr. Presidente que a ordem dos trabalhos está a ser alterada, o que é contrário aos estatutos das associações de classe.

**O sr. Moisés (ao fundo)** — Muito bem, muito bem. Mas faço notar também que ainda se não generalizou o debate.

**O sr. Presidente** — Aceito as recriminações dos oradores e peço para lembrar que o fim, etc., etc. (*fala durante 10 minutos*). E ponho à votação a proposta do sr. Vitor França com o apêndice do sr. Tomaz Pessoa.

**O sr. Júlio Silva** — Meus senhores: a minha oração vai ser pequena, porque tenho as horas contadas; mas entendo que na comissão deve figurar também um rádio emissor e que esse deve apresentar uma tese.

**O sr. Francisco Bravo** — Bravo!

**O sr. Vitor França** — Sr. Presidente e meus senhores. Eu não desejo de forma alguma entravam os trabalhos da Assembleia, mas entendo que...

*Um radiotelefonista do Bom Pastor (interrompendo)* — Pó-pó-pó... pó-pó-pó... brrrr... brrrr.

**O mesmo orador (continuando)** — A tese deveria versar sobre a tomada de terras.

**Rodrigo Beça** — (*Chalaceando como sempre*)... aos mouros.

**Vitor França** — Ou então sobre a divisão dos kilociclos.

**Rodrigo Beça** — (*Com c cedilhado, na mesma*)... de café...

**O sr. Presidente** — Em virtude de estar aqui muito calor (*soava a meia noite*) o ar vai-se tornando irrespirável. Também não se pode reunir depois das 24 horas. Eu propunha para que se continuasse a sessão na próxima quinta-feira e que quem quisesse se fizesse acompanhar por uma tese a apresentar ao próximo congresso, porque eu julgo estar no ânimo de todos a concorrência ao mesmo. E depois entre aqueles que vierem inte'sados se escolherá a respectiva comissão.

**O sr. Ortélio Martins** — Eu digo ao Henrique para trazer a dêle.

**O sr. C. T. I. E. X.** — Se não fôsse o ter de me sujeitar a mais privações também fazia uma.

**O sr. Presidente** — E nada mais havendo a tratar, meus senhores e minhas senhoras, muito boa noite.

*Toca a Portuguesa*  
Fecho de Estação.

**Fausto LARANJA.**

Tôdas as perguntas devem ser dirigidas a Fausto Laranja. Responde-se a tudo sem fios.

F. L.

## CARTA ABERTA aos meninos de oiro da Avenida

Em pelote, e carregando tantas uvas, tanta coisa, sois porventura nudistas, *doublés* de frugivoristas, da escola Amílcar de Sousa?

Faça sol, ou faça frio, não tendes um sobressalto, nem vestir um agasalho, — operários sem trabalho, dia e noite mãos ao alto!

E que linda exposição vós fazéis, para quem passa! Quem contempla a vossa graça, tem a doce sensação de estar no Anjo na Praça.

Uvas, pêssegos, bananas, figos... Se houver quem proceda a um exame demorado, julga-se em pleno mercado ou na loja da Avelêda.

Assim, ao ver-vos de perto, o que hoje por'í se escuta, em vez da frase sedicã: «Sua beleza de hortaliça!», é: «Que beleza de fruta!»

Por isso, ouvi um pedido que vos faz um bom burguês: fique mal ou fique bem, não consentais que ninguém esconda a vossa nudez.

Embora no vosso grupo, feito a cinzel e buril, quisesse mostrar o artista um caso de nunca vista precocidade infantil.

a verdade é que, nusinhos e a mostrardes tanta coisa, sois um monumento erguido ao numeroso partido da escola Amílcar de Sousa.

## PERFIS DO PORTO

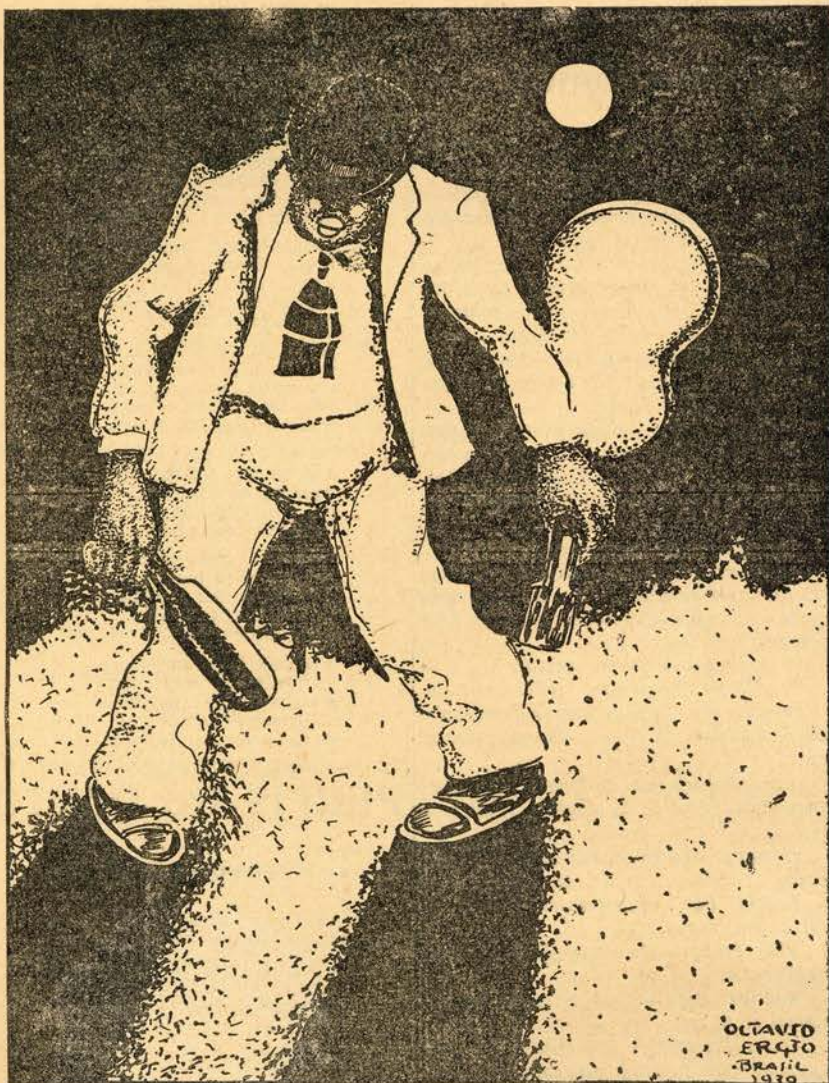
III

TEIXEIRA LOPES





## OS NEGROS NA EUROPA



*Completamente civilizado, diverte-se ao clair de lune como um poeta saudosista.*

### A uma carta anónima

Nunca tive a pachorra nem feitiço  
De ligar importância a anonimatos,  
Nem romper muito a sola dos sapatos  
Em procura de vela sem pavio.

E se alguém, por prazer ou desfastio,  
Tais escritos me envia, ou tais relatos,  
Na lixeira os pespego, aonde os ratos  
Lhes darão, afinal, pronto desvio.

Pois não vejo razão que me convença  
A guardar farrapada sem pertença...  
Perder tempo com quem eu não conheço.

A não ser que o papel, por seu tamanho,  
Possa ter serventia em caso estranho:  
— Sendo assim, mandem mais que eu agradeço.

ALBANUS.

### MARIA RITA há 50 anos

A 7 de Maio de 1882 nasce o primeiro espaço em branco da careca do Arnaldo Leite.

Houve bodo aos pobres e a Associação dos Cabeleiros enviou uma mensagem de profundo reconhecimento.

### 1.º DE MAIO

Por que tenha fracassado o ensaio geral de Monsanto, não se realizou a *première* deste conhecido vandeville.

## O Adão de Costa Cabral

Num dos dias da semana passada, o pacatíssimo bairro da Cruz da Regateira, foi acordado da sua pacatez por um caso de-veras extraordinário.

Mal tódã a gente tinha acabado de esfregar os olhos para os abrir de par em par, teve de os voltar a fechar, em virtude da indecorosa cena de que a rua era teatro.

Primeiro vieram as criadas para as portas, e começou a ouvir-se:

— Anda um homem nu ali para os lados de Silva Tapada!

Então começaram a abrir-se as janelas, porque um homem nu não é coisa que se veja todos os dias.

A curiosidade em Costa Cabral subiu de minuto a minuto.

E andava. Era o Adão. Mas afinal como é que queriam que o Adão andasse? Em ceroulas? De casaca?

Um Adão que se preza, não veste dessas porcarias. Mesmo fora da rua do Paraíso! Anda nu, à antiga, tal qual veio ao mundo, ou à moderna, como queiram...

Enquanto o homem andou por Silva Tapada, bem correu a coisa porque sempre era Silva Tapada... Mas quando chegou a Costa Cabral, até tremeu a Cruz da Regateira.

Felizmente que a esquadra ainda não tinha partido para o mar das Antas, e puderam ser destacados dois guardas para prender o calorento Adão.

Seguiu-se um novo sarilho porque o homem resistiu, quis fugir, e os polícias não puderam recorrer ao estratagemma de lhe cortar os botões das calças.

Lá lhe agarraram como e onde puderam e conduziram-no à esquadra, com grande mágua das leiteiras que passavam e murmuravam condoídas:

— Coitadinho do homem. Se calhar esqueceu-se da roupa em casa...

Já na esquadra, o chefe interrogou-o:

— Como se chama?...  
— Adão.

— Casado?

— Sim senhor.

— Tem filhos?

— Tenho dois...

— Então é pai?!...

— Sou, sim senhor...

Cá fora crescia o borbórinho. E uma das leiteiras que tinha entrado na esquadra, vem aumentar a celeuma:

— Sabeis quem é, mulheres? E' o pai Adão em pessoa.

E o caso não deu mais nada, porque cada transeúnte deu a sua peça de roupa e lá vestiram o homem.

Consta que mais adiante foi preso o transeúnte que tinha emprestado as calças.

### TOMAZ RIBEIRO COLAÇO

Por nos ter chegado tarde o original, não publicamos hoje a crónica de Lisboa—Fólias de Alface, do nosso ilustre colaborador e cintilante humorista.



# A estigmatizada de Lamego

Afinal, são tantas as opiniões sobre a estigmatizada de Lamego, que os crentes e os ateus, os espíritos fortes e os ditos fracos não se entendem nem à quinta facada...

Milagre ou Doença?—Doença ou Milagre?

É MARIA RITA, muito senhora de si e do mais que Deus lhe deu, resolveu investigar por conta própria, colhendo opiniões entre os mais lídimos representantes das forças vivas da Nação...

## O que nos disseram

O caso da senhora Dona Maria, é um fenómeno reconstrutivo. Milagre? E porquê não? O Integralismo manifesta-se, muitas vezes, estigmatizando miraculosamente as gentes humildes...

João AMEAL.

A psicologia de Maria da Conceição e a sua predisposição nata para o misticismo, derivam inquestionavelmente, das frequentes más digestões da estigmatizada, matrona dada a refeições carnívoras.

Dr. Amílcar de SOUSA.

Os estranhos fenómenos de ordem fisiológica da estigmatizada de Lamego, mereciam ser julgados em tribunal colectivo, assumindo eu a responsabilidade da defesa, com uma oração brilhante...

Dr. Bianchi da CAMARA.

A Mariceição lamecense, é uma das almas brancas da eterna religiosidade das mulheres humildes da minha terra...

Aurora Jardim ARANHA.

Que êsse fenómeno ligue Ao céu—o eterno sossêgo!— A miraculosa estigmatizada de Lamego!

Dr. Barata da ROCHA.

Eu podia citar-lhes Garofalo, Binet-Sanglé, Lombroso, e outros maestros de valor. Mas remeto-os, simplesmente, aos célebres psiquiatras Beethoven, Wagner, Berlioz, etc.

Dr. Alberto BROCHADO.

## Á ÚLTIMA HORA

### A estigmatizada

Lamego, 3 de Maio—Acabou-se o sarrabulho. Reina grande consternação entre os católicos.

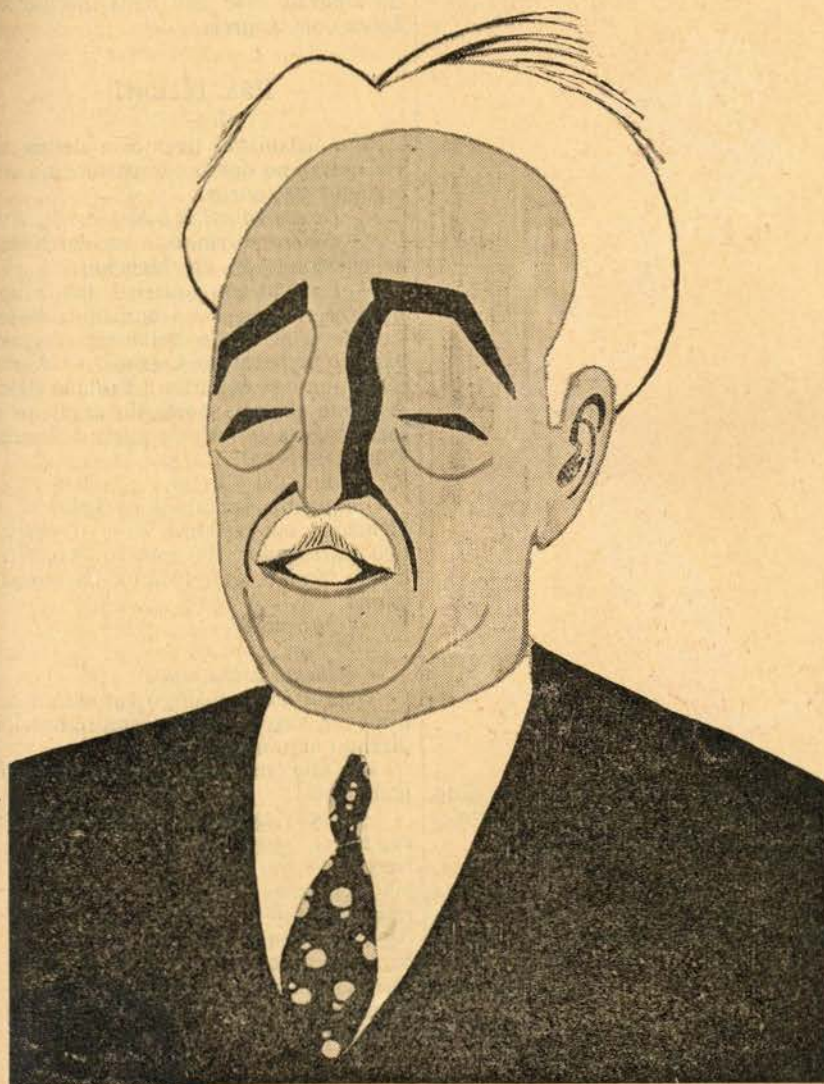
Enviaram telegramas de condolências: Santa Maria Adelaide, Santa do Bonfim e Santa Camarão.

Nemo vai dedicar um número de A Voz ao caso, responsabilizando a Maçonaria.

# COROAS & CARTOLAS

III

## ALCALA ZAMORA



VICTAVIO  
/ ERGIO

Olé! Olé! Que viva tu madre!

## TIPOS

### O CHIÇO

Em outros tempos andava de chate, chinelinha e saia comprida.

A Civilização (não confundir com o Magazine) tirou-lhe o chate, calçou-a de sapatinhos e, num crescendo de marroteira, levantou-lhe as saias até à absoluta exposição gambial.

Vivo demônio, olhos em brasa, o chiço é a nota alegre na mazomba multidão de trabalhadores.

Se a gente lhe dirige um madrigal faz biquinho e, quando calha, barafusta.

Ora o caracas!  
Pôça p'ro home!

Lê seus romances e vê seus filmes.

Sonha!  
E às vezes, de tanto sonhar, acorda na bruta realidade de embalar um filho que pela vida fora terá tudo menos... pai.



o.5.



# Através da Espanha Republicana

==== Socialistas ==== Jesuítas ==== Comunistas ==== Monárquicos =====

## O que a Dona RIA RITA ouviu

(Do nosso enviado especial)



**A** MARIA RITA, órgão internacional do humorismo cosmopolita, enviou um dos seus membros aos centros *soi-dísant* civilizados da Europa.

As impressões que o dito membro do nosso órgão captou, sifilisticamente falando, vão ser radiadas lacónica e tipograficamente aos nossos queridos e sempre amados leitores.

### A caminho!

Até à Barca d'Alva foi a D. MARIA RITA aclamadíssima num delírio inultrapassável de entusiasmo e sinceridade.

Em Valongo compareceram tôdas as rôscas disponíveis e a Charanga dos Biscoutos de Argola.

Informaram-nos que entre Paredes e Penafiel seríamos alvo dum atentado. A informação era falsa. Entre Paredes nada nos aconteceu.

Na Régua fomos saudados pelo célebre Polícia, camarada condecorado, que representava o *gentleman* Jaime de Sousa, ilustre comandante dos Bombeiros Impermeáveis dos Monóculos da Régua.

No Pinhão os orfeonistas da terra entoaram o conhecido hino guerreiro: “Toma lá pinhões!...”

Na Alegria foi uma tristeza e em Castelo Melhor podia ser muito pior.

Barca d'Alva. Adeus à Pátria. Trémulo na orquestra. Choramos. *Una furtiva lagrima...*

### Fraternidade autêntica

Fregeneda. Olé! Olé!

Viva tu madre, tu padre, o Azaña e o Balbotín!

Um sujeito, tipo de republicano histórico espanhol, de olhos de *tortilla* e bigodes de gato, abraçou-nos em nome do governo.

Pelos bigodes assanhados vimos logo que representava o Azaña.

Cumprimentou-nos. Confessamos-lhe a nossa filiação partidária. Quando soube que éramos da *côr*, desabafou:

—Então andam lá pela estranha a dizer que a Espanha não tem um mo-

mento de sossêgo? *Caray!*—com sua licença—*Usted* já viu maior tranqüilidade que isto? Tudo em paz. Uma paz verdadeiramente podre.

—Lá isso...

—Isto está tão sossegadinho, que eu até chego a supor que ainda estamos no tempo da monarquia!...

A locomotiva que nos tinha de levar



a Fuente San Esteban ia arrastando vagorosamente o seu ataque asmático.

O nosso homem continuou:

—Os partidos dão-se como irmãos. A Acção Republicana está duma cana só. O grupo socialista, cada vez mais radical e cimento armado. Os comunistas, com o Franco à frente, sobem para conquistarem a perfectibilidade humana.

—O pior é que quanto mais o Franco sobe, mais a peseta desce.

—Isso são intrigas do Maura, atalhou o representante do Azaña.

Nesta altura o combóio estacou.

Ouviu-se uma voz anisada gritar: Fuente San Esteban!

Ao ouvir tal, o nosso interlocutor atirou-se abaixo do vagão. Num ímpeto, dirigiu-se ao homem da voz (não confundir com o amigo Nemo) e apertou-lhe a garganta, berrando como um possesso:

—*Sin verguenza!* Que vem a ser isso de San? Os santos acabaram! Desde que veio a República a Fonte é do Estêvão. Não tem nada que ver as águas com a igreja...

### Pax técum!

Em Salamanca tivemos a alegria de ver entrar no nosso compartimento um matador de touros.

—*Donde vá usted à torear, diestro?*

O *diestro* sorriu-se, e em voz baixa, ao nosso ouvido, confidenciou:

—Eu não sou toureiro. Isto é um disfarce. Pertencço à Companhia de Jesus. A *coléta* é do Belmonte e o *mazantini* pertence ao Lalanda. O Azaña julga que nos expulsou! Tadinho dêle! A gente sai pela porta do cavaleiro e torna logo a entrar pela porta do touro. Olha connôco!

Medina del Campo.

Enquanto esperamos o rápido para Hendaya, conversamos com o simpático carregador da estação, conhecimento antigo dos tempos da propaganda.

—*Que pasa?*

—*Pues... na...*

—*Cuente usted algo.*

Depois dêste diálogo em *castizo* de Lope de Vega, *el mozo* sempre nos foi dizendo alguma coisa.

—Tudo na mesma. Promessas e mais nada!

—Vocês também querem tudo de repente. No

tempo da ditadura gramaram e calaram! Agora é que barafustam e não deixam a República trabalhar e progredir.

—Histórias, meu amigo. A burguesia continua a mandar. Sa-

bes quem é o alcaide de Madrid?— Pedro Rico! Um homem que pesa 8 arrôbas! Ora um alcaide que é *Rico* e tem 120 quilos de peso, é um insulto ao trabalho e à pobreza.

—Pelo visto o camarada não se importava que voltasse a monarquia.

—*Vá de retro!* A coroa morreu e o Afonso nunca mais volta.

Concordamos. Os Afonsos quando saem do país não voltam a pôr lá os pés, nem pedindo-lhes de joelhos...

### O D. Aniceto

Vamos agora nas excelentes carruagens dos C. H. del Norte. Um sujeito muito bem educado, tipo de Maneca Reis, palestra connosco. E' republicano moderado. Conta-nos a simpatia que tôda a Espanha tem pelo presidente Alcalá Zamora. D. Aniceto é um tipo popular, com raízes no coração do povo. D. Aniceto para aqui... D. Aniceto para acolá... Viva D. Aniceto!

Esta predilecção dos espanhóis é antiga. Principiaram pelo Aniz del Oso e pelo Aniz del Mono para acabarem agora no Aniz... ceto d'Alcalá Zamora. (O' rapazes, esta é digna de palmaria!)

O nosso companheiro é partidário do Maura.

Falamos-lhe do Lerroux.

—O Lerroux tem nome francês e para vencer em Espanha falta-lhe um Ó.

—Um Ó? perguntamos nós num oh! de admiração.

—Sim. Um Ó' antes do Lerroux, para ficar Ólé... Roux!

—Olé! Olé! gritamos entusiasmos.

Valladolid. Sai o sujeito bem educado e entra

um traga-balas com aspecto de sacristão traçado de polícia.

### Zaragatas

O nosso companheiro de agora, é monárquico geográfico.

Para êle, a Espanha caminha para o abismo. Suspira por uma monarquia carlista, absoluta, capaz de federar tôda a península numa praça de touros, com força, castanholas e alpercatas.

Repontamos. Falamos-lhe de Olivença. (E a propósito: Quando vem isso para cá, ó menimos republicanos?) Os génios começaram a azedar-se. Sal-

o



tou-nos de lá com um Filipe e nós atiramos-lhe com a padeira de Aljubarrota. Cresceu para nós. Fomos-lhe para as ventas. O sangue espirrou. Deus o salve!—dissemos num hábito de boa educação. Estávamos em Venta de Baños. E enquanto o antagonista ficava a banhar as ventas, trauteávamos nós o hino da independência.

### Nós e Romanones

Depois daquele pequeno 1640 fomos até Vitória, sôzinhos, satisfeitos com a nossa força e com o nosso patriotismo.



Até S. Sebastian nada de notável ocorreu.

Ali, porém, esperava-nos uma agradável surpresa.

Romanones, o nosso simpático Romanones, o nosso querido Romanones, subiu à nossa carruagem para nos dar um abraço e desabafar.

O ilustre caudilho democrata, implantador da república espanhola, mostra-se desgostoso com a marcha dos acontecimentos.

O Azaña tem sido um ingrato. Desprezou os monárquicos, mas a vingança vai ser terrível.

—Nós — exclamou S. Ex.<sup>a</sup> — vamos conspirar de noite e dia e havemos de implantar...

—O comunismo — concluímos nós. Estes monárquicos espanhóis são capazes de tudo...

O nosso caro Romanones fingiu não ter ouvido e voltou de novo à carga.

—Proíbiram-nos os comícios. E a vigilância em Madrid não nos permite reunir. Temos de conspirar na província. O nosso *comité* vai decidir se havemos de nos centralizar em Segóvia, em Porriño ou em S. Lucar de Barrameda.

—Barrameda! Barrameda! senhor conde — aconselhamos nós, num portuguêsíssimo desabafo.

.....

Irun. Hendaya. Chegamos a terras francesas.

Pelas ruas, muitos jesuítas, padres e irmãs da caridade.

Vê-se logo que estamos num país de reaccionários.

Pobre França!...





# Por mal dos nossos pecados

(Impressões de dois lisboetas de empréstimo)

## Um fósforo... que não ri

Como a praga dos gafanhotos, a peste bubônica, o tifo exantemático, ou qualquer dos flagelos que impetam a humanidade, grassa modernamente a epidemia dos concursos, no mais elevado grau das suas disparatadas modalidades. Anuncia-se valiosos brindes por dá cá aquela *palha*, género este que todos os clientes comem, desde que apareça quem lho saiba dar. E assim, cai hipoteticamente sobre o eterno Zé lorpeirão, uma chuva seca de automóveis, palacetes, relógios de ouro, viagens a Paris, e vários *etceteras* que o dicionário da realidade traduz inocentemente em róis de papel higiênico, gaiolas para grilos, fracções de sabão macaco e direito a viagens de carro eléctrico apenas numa zona! Mas é moda; e desde que a *Eva* anuncia às senhoras o prémio de um vestido completo, reservando para si o privilégio da *parra*, não nos admiramos nada de que as *comadres* ofereçam d'ora-avante um *miúdo* por cada série de *serviços*, destruindo assim eficazmente o privilégio dos homens.

Vem isto a propósito dum pobre amigo nosso que fomos também visitar ao hospital dos doidos e que a fatalidade arrastou para ali, impiedosamente. Há quem endoideça por causa de uma só mulher (nós achamos pouco...); outros por falta de dinheiro; alguns a quem sobram aquelas e falta este; e outros ainda precisamente pelo contrário. Mas o pobre Inácio, coitado, vê-se a contos com a camisa de forças por um motivo mais *imprevisto*... e menos satisfatório: endoideceu de felicidade porque

teve a desgraça de encontrar «o fósforo que ri». Ele que só acendia na caixinha e que não era capaz de a trocar mesmo ainda que lhe pusessem diante a melhor *isca*, resolvera obter a compensação monetária da sua fidelidade, procurando, avidamente, as gargalhadas *rotchiltescas* do misterioso pauzinho incombustível. E como quem aplica progressivamente um medicamento ou resolve em múltiplas ardósias uma interminável progressão geométrica, começou o desgraçado por queimar uma simples caixa por cada dia, atingindo a cifra de dois milhões ao cabo da primeira quinzena!... A navegação passou a guiar-se de noite pela janela do Inácio, à beira mar situada, verdadeiro farol cronométrico e teimoso, atirando ao espaço o seu ininterrupto acende — apaga... apaga — acende! Esgotara já as suas economias depositadas num Banco; mas pouco se importara com isso; o Banco era dos mais seguros, e, portanto... arder por arder, mais valia que o dinheiro ardesse em fósforos! E depois, que diferença lhe fazia ter já queimado alguns contos de reis, se era certo apanhar uma libra mal a sorte o contemplasse?! A libra sempre era de ouro; representava uma *lasczinha* de um metal idêntico ao daquelas barras que tem chegado ao Tejo e que a gente nunca mais consegue ver desde que as camionetes as descarregam definitivamente! E os contos de reis dispendidos, eram já o produto litográfico daquela sorte de prestidigitação que se opera lá dentro e pela qual é tudo transformado em papel de embru-

lho, que dizem valer o mesmo... embora a gente não acredite. Portanto, não havia que hesitar. O Inácio teimou, teimou, e um belo dia, dia feliz, o mais feliz da sua vida, risca de lado, risca atrás e risca... ao meio, e o fósforo não acendeu! — «Eureka! Eureka! Cá está êle! Achei o autêntico, o verdadeiro fósforo que ri, aquele que me vai dar a libra... com cavalinho de um lado e do outro lado a rainha a cantar vitória!»

Não perdeu um minuto. Regosijou-se por ter lume no olho, pegou na caixinha, pôs o chapéu e esqueceu-se lamentavelmente da bengala porque não supunha que teria de fazer uso dela. De caminho, e já por conta de lucros, comprou um quilo de bolos numa confeitaria; no chapeleiro mais próximo, uma cobertura nova; num bazar à esquina, brinquedos para os miúdos, e tudo isto solidamente fiado, com a declaração que pagaria dali a instantes, mal regressasse com as algibeiras cheias, da *Lourdes portuguesa*, título com que permitira brindar a companhia após tão fantástico milagre.

Arribou finalmente ao *guichet* dos escritórios, e disse altivamente: «Venha a libra. Aqui está o fósforo; o tal que ri! Faça favor». O empregado segura no *objecto*, deita-lhe o fogo ao pauzinho, este arde até à cabeça incombustível e dura como tantas que nós conhecemos, e desata a rir impiedosamente às gargalhadas.

«Então quem ri é o fósforo ou é o meu amigo?» Pergunta o Inácio, apalermado.

«Sou eu! Apenas eu. Este fósforo não ri, sorri! Não é o da libra! Para isso era preciso que a haste também não ardesse, e nesse caso então o meu amigo apanhava a libra!»

«Em ouro?» Pergunta ainda o Inácio. «Isso não sei; as poucas que tem ido são de chocolate. Mas descanse: o senhor também tem direito a um prémio. É um seguro de vida de dez contos. Aqui está a senha, e para outra vez, antes de cá vir, repare nas hastas».

O pobre Inácio, saiu furioso, batendo com as que tinha pelas paredes; e na sua simplória honestidade, correu aos estabelecimentos onde momentos antes efectuara as compras, declarando que, em face do prémio que obtivera, só poderia pagar... depois de morto.

Esqueceu-se, porém, de acrescentar que, mesmo naquela lúgubre hipótese, ainda era preciso que o número das centenas da senha, somado com o das dezenas e multiplicado pelo das unidades, fôsse igual à raiz quadrada do produto do número 7, pelo do 1.º prémio da lotaria do dia 34 de Agosto do ano de 2456. E só nestas condições probabilíssimas, ainda ficava a *vantagem* de a companhia de seguros entregar possivelmente a apólice... que ri, recusando-se a pagar o prémio em virtude da morte ter sido provocada por envenenamento... fósforico.

E lá está o pobre Inácio numa cela do manicomio, a acender e a apagar e a apagar e a acender, na esperança de, em breve, ter a companhia de todos aqueles que ainda vivem na doce ilusão de encontrar um fósforo que lhes mostre a denteça.

Irmãos UNIDOS.

## O BAILE



O desenho que publicamos acima é do punho do notável artista alemão Kley. A *humanidade* destes gatos, dançando voluptuosamente enlaçados, tem seu quê de libidinoso que nos lembra os bailes das Pires, nos quais, além das Pires, quasi sempre se parte toda a louça...

Mais do que um simples desenho, Kley realizou um panfleto contra a dança.

## O homem amável



ou um tipo que já se não usa



DE



CABÊLOS

## Viagem de núpcias que ia acabando mal

Manhãs de Abril!... Não as da conhecida valsa com «almas em flor» mas as radiosas e quentes manhãs dêsse mês primaveril em que me aconteceu o que passo a narrar.

Nesse dia de sol coruscante acabava eu de entrar em casa do meu velho amigo e genial detective Philêas Chamiço quando a Vitória, sua governante, correu para mim e me gritou, ansiosa:

— Doutor Knox! Ainda bem que chegou!

— Mas que sucedeu? perguntei-lhe.

— Enlouqueceu o sr. Philêas. Há três horas que se meteu na estufa e a-pesar-de estar todo numa sopa não há forças humanas que o tirem de lá.

Na estufa, com um dia quente como estava! Sim, devia ter enlouquecido. Corri ao jardim. Ao fundo, na estufa, adivinhei um vulto mexendo-se nervosamente. Era êle. Congestionado, escorrendo suor, folheava um grande livro de viagens.

— Philêas! berrei-lhe. Saia dêsse forno se não quer morrer assado.

Hirto, mostrou-me um telegrama, dizendo:

— Leia-o, Knox! E enquanto o faz, venha para aqui, para se ir habituando ao calor.

Entrei para a estufa desaperçando o colete e li, admirado:

*«Prisioneiros dos selvagens rio Okulélé. Estamos regime engorda para ser comidos festa grande. Minha mulher gorda que dá gosto vê-la. Venha salvar-nos. Pago a salvação a pêso. Cada quilo, mil escudos.»*

Almeida & C.ª

P. S. — *Está hoje um dia de rosas.»*

Sem perceber patavina, perguntei:

— Quem é esta firma?

Respondeu-me:

— O Almeida é aquele célebre argentário que casou há meses. A C.ª é a mulher dêle. Ora êle ofereceu, depois do casamento, uma viagem de núpcias à noiva, através da Africa. Não me admira nada que tenha sido feito prisioneiro pelos selvagens antropófagos.

E folheando o livro elucidou-me, num tom de voz cada vez mais quente: (é claro que êste calor vinha da estufa).

— Aqui está o rio Okulélé. A viagem até lá deve levar um mês. Quer dizer que temos tempo de chegar antes da festa grande, que nos selvagens se faz pelo solstício.

— De lá chegar?

— Sim! Parte amanhã um barco para Africa.

Vá preparar a sua bagagem, que eu me encarrego dos bilhetes. E amanhã lá o espero no cais às nove horas precisas. Até lá, faça como eu: vá-se habituando ao calor.

Deixei-o, banzo de todo. Já longe, ouvi-o berrar:

— Uma recomendação, doutor Knox! Não jante hoje. Depois lhe direi porquê.

Estava doido, com certeza. Mas como as suas ordens se não discutiam, fui para casa e passei o resto do dia a fazer testamento, ou seja a discriminar aquilo que devia aos outros. Minhas últimas vontades, para quê, se nem ao menos podia pedir para o meu corpo um jazigo, convencido como estava de que a sua sepultura seria num estômago de negro?

Deitei-me cheio de fome e tôda a noite sonhei, sonho esquisito, que muitos negros me



estavam a comer e que eu assistia ao meu próprio repasto, cheio de fome.

Na manhã seguinte, embarcamos. Que vinte dias de viagem! Basta dizer-lhes que o Philêas comprou bilhetes *without food* (sem direito a comida) e por aí se calcula a fome que rapêi. O que os meus dentes rilharam, Santo Deus! Um dia, tendo jantado apenas metro e meio de tubo de irrigador, perguntei-lhe, furioso:

— Mas não me dirá para que é todo êste treino à Papuss?

— Pois não vê que vamos para o meio de povos canibais e que quanto mais magros lá chegarmos menos probabilidades temos de ser comidos?

Tinha razão. Desde então até cheguei a beber o meu vinagrezinho. Valeu-me, nos últimos dias de viagem, uma lata de valvulina que encontrei num porão e que untada em velhas bolachas sabia que nem manteiga. O Philêas andava transparente, diáfano, imponderável. Tão magro que uma vez ao vestir a camisa enfiou a cabeça por uma das casas dos botões. Tão leve que eu o trazia sempre filado por um braço para que a aragem mo não levasse.

Desembarcamos. Depois de mil peripécias começamos a subir o rio Okulélé. Um negro que nos servia de guia berrou certo dia, apon-tando:

— Krikakóku Féfi!... (os presos estão além!)

Entre as palmeiras da margem viam-se algumas palhotas. Desembarcamos. Atacáramos de noite. Dormimos algumas horas sem a menor precaução. Qual seria a fera capaz de se tentar com a nossa magreza? Um leão que passou ao longe, virou a cara, desdenhoso. Noite alta, arrastamo-nos para a aldeia. Guiávamo-nos pelo tacto. Os seus habitantes ressonavam com um barulho ensurdecedor.

Cansado, quis desistir. Philêas berrou-me:

— Alma até Almeida!

Ouvimos então uma voz:

— O Almeida está aqui!

E estava. Numa jaula de madeira, muito juntos, estavam os dois noivos, gordíssimos, juntamos as nossas forças (e não eram muitas) para a arrombar. Conseguimo-lo. Ofegantes, corremos para o rio. Nós corremos, os noivos reboaram. Mas não havia barco. Foi então que uma ideia de Philêas nos salvou. Ouvimo-lo dissertar sôbre física:

— Um corpo mergulhado num líquido perde...

Assim a gordura dos nossos noivos ia servir-nos de bóia.

Postos os dois a nado à laia de jangada, de papo para o ar, embarcamos, quer dizer, pusemo-nos cômodante em cima dos seus ventres (eu que tive por jangada a noiva, por uma questão de pudor, sentei-me de lado, como nas viagens de gericá), e ala, rio abaixo.

A manhã apanhou-nos já em terra de recursos, na cidade, sabem onde?

Junto a uma balança, com o Philêas a pesar os dois e anotando cuidadosamente no seu *carne*:

*«Duzentos e cinqüenta quilos de carne limpa.»*

O que, a conto por quilo, faz a linda soma de cujos juro êle ainda hoje vive.

Doutor KNOX.

Deus fêz o mundo, e descansou. Deus fêz o homem e voltou a descansar.

Deus fêz a mulher... e nunca mais nem o homem, nem o mundo tiveram descanso.





Para o mote:

*Ressurge a MARIA RITA,  
a tal que morreu a rir!*

recebemos, entre outras que não publicamos por especialíssimas razões de peso... e medida, — as seguintes

## GLOSAS

A minha mente espevita  
Este sucesso jucundo  
Que assombrou agora o mundo:  
*Ressurge a Maria Rita!*  
A gente alegre medita  
No mais que está p'ra vir  
P'r'o povo se divertir  
Por obra dessa senhora  
Tão desencaminhadora,  
*A tal que morreu a rir!*

## NARIGUDO.

Que Primavera catita!  
Além das flores mimosas,  
Perfumadas e formosas,  
*Ressurge a Maria Rita!*  
Já meu estro se arrebita  
E vai também reflorir:  
E em vez dos fados carpir  
Em choradeira tristonha,  
Saúdo a velha risonha,  
*A tal que morreu a rir!*

## ASINUS.

Foi sorte negra, maldita,  
A morte da tal comadre!  
Mas pode rir-se, ó compadre,  
*Ressurge a Maria Rita!*  
Vem frescalhota e catita  
Co'as bochechas a luzir!  
E não lhes quero mentir  
Dizendo que a farfalhada  
Até vem mais barriguda,  
*A tal que morreu a rir!*

## TITO.

Com uma graça infinita,  
Muito sua, muito fina,  
Tôda risonha, ladina,  
*Ressurge a Maria Rita.*  
Santa alegria, bem-dita,  
Ela a todos faz sentir!...  
O que eu não posso medir  
E' este grande mistério:  
— Só ri, n'um mundo tão sério,  
*A tal que morreu a rir.* —

## Zé das HÓSTIAS.

Sucesso cosmopolita!  
Rasgadamente contente,  
Brada o Zé em voz potente:  
*Ressurge a Maria Rita!*  
Quem no milagre acredita?!  
Quem de medo vai fugir?  
Uma morta ressurgir?!  
Vem cá abaixo, o S. Tomé,  
Ver se é bruxa ou que raio é  
*A tal que morreu a rir!*

## Zé da SÉ.

Não lhe toques que ela grita,  
Que tem cócegas em barda!  
Na comadre Emília Parda  
*Ressurge a Maria Rita!*  
Se ela fôsse mais bonita  
O remédio era fugir!  
Mal se lhe vai a bulir  
Fica logo escangalhada,  
E desfaz-se à gargalhada,  
*A tal que morreu a rir!*

## NICOLAU.

P'ra continuar a fita  
De há quarenta e tantos anos,  
Pela acção de seis maganos  
*Ressurge a Maria Rita!*  
Deus lhe dê vida infinita,  
Proventos, belo porvir,  
Liberdade p'ra zurzir  
Os políticos farsantes,  
Que foi o que elevou, dantes,  
*A tal que morreu a rir!*

## Colatudo de CAMÕES.

Mote a concurso para o próximo número:

*O Sol nasce para todos.  
Para quem nasceu a Lua?*

(Este mote tem de ser glosado em décimas, cujas, embora relaxadas, teem de transpor os umbrais desta redacção até Terça-feira).

## SEMANA

Recebemos o 1.º número deste jornal que é dirigido e redigido pelos nossos prezados colegas Juliano Ribeiro, Costa Brochado, Anibal de Mendonça, Silveira Freitas, Dr. Viriato Gonçalves, Hugo Rocha e Afonso Passos, e tem a sua sede na Associação dos Jornalistas.

Ao novo colega, que se apresenta com excelente aspecto gráfico e boa colaboração literária, desejamos as maiores prosperidades.

## APRENDIZES

Precisam-se numa fábrica de chapéus de palha. Dã-se almôço da casa.

# IMPLACÁVEL



Ela — A teu lado, minha amiga, sinto que um fogo me devora...

Ela — Ah! Julguei que me falava de amor. Isso não é comigo; é com os bombeiros.



**Quem é?**

A uma grande figura  
coube a sorte o n.º 3,  
que, segundo diz o Povo,  
foi a conta que Deus fêz...

É o maior entre os Mestres.  
Vive em Gaia. É escultor.  
E traz vincado no rosto  
um rictus de magoa e dôr...

**FERVIDO.**

**Anexim**

Levanta-se ao Meio-dia.  
Almoça sempre na cama.  
Deixa-se amar, mas não ama,  
e gasta as massas da tia...

Para levantar um dedo,  
para dar uma passada,  
só à força de pancada...  
"..... (?)

**ARNESTO.**

Decifrações do último número:—*Quem é?*  
Afonso Costa—*Anexim*: Quem tem fome car-  
dos come.

*Matadores*:— Rita Maria, Adipôso Filho,  
Zaratrusta, Mayo, Pescador Negro, Rei dos Bor-  
listas, Dr. Rotchackoff.

**Casos da rua**

Queixou-se à polícia Justina da Pu-  
rificação, contra o senhorio da casa  
onde vive, argüindo-o dum crime grave  
na pessoa duma sua filha menor e des-  
cuidada.

Acrescentou na sua queixa que o  
senhorio não voltou a vê-la, desde que  
ela lhe falou numa *reparação*.

Todos os senhorios são os mesmos.

Na noite passada foi preso um ga-  
tuno, ou terrível meliante, como qui-  
serem, que roubou da bolsa dum auto-  
móvel duas pistolas automáticas. O  
crime é tanto mais grave quanto é  
certo que o criminoso foi apanhado  
com as armas na mão. Congratulemo-  
-nos.

**Rectificação**

Já depois de estar impressa uma parte do  
nosso jornal, fomos informados de que o des-  
graçado Adão a quem em outro lugar nos refe-  
rimos em ar de graça, se suicidou.

Se o souberamos não teríamos brincado.

**A Lili e o Lulu**

Foram criados juntos, a-pesar-de  
nunca terem sido criados em casa ne-  
nhuma. Isto não quer dizer que fôssem  
criados na rua. Nada disso. Foram am-  
bos criados debaixo do mesmo teto  
acolhedor do lar que os viu nascer.

Ela chamava-se Lili e era filha natu-  
ral dum irmão do Belisário. E tanta  
naturalidade tinha esta filha natural, que  
quasi tôdas as pessoas a julgariam arti-  
ficial, se não fôsse o perfume enebriante  
que se exalava das pétalas aromáticas  
do seu corpo.

O rapaz dava pelo nome familiar  
de Lulu e era o único rebento do ci-  
tado Belisário, homem que tinha batido  
o *record* da felicidade, quando na vés-  
pera do Natal lhe safu a sorte grande,  
lhe morreu a mulher e lhe ficou um pé  
debaixo dum carro *Ford*, pé onde ha-  
bitavam, há anos, três calos de ôlho de  
perdiz e duas unhas encravadas.

Quem havia de dizer que um *Ford*  
tinha coragem para tanto!

\*  
\* \*

O Lulu era duma timidez verdadeira-  
mente salazariana. Não fazia mal a uma  
môsa nem que ela fôsse de Milão. Não  
ousava erguer o olhar pudico para o  
sexo frágil e libidinoso, nem tão pouco  
tinha coragem de dormir numa cama  
de casados, a-pesar-das fôlhas das suas  
dezassete primaveras começarem a re-  
bentar, aquecidas pelo criador da Natu-  
reza.

A Lili era um perfeito diabo de  
saías. Viva como sardinha da costa,  
corria-lhe nas veias azougue em ebuli-  
ção, que lhe transformava os nervos  
em termómetros prontos a rebentar e  
a atingirem quarenta e dois gráus de  
febre à luz quente dos seus olhos tropi-  
cais.

O Lulu via uma bruxa com a Lili.  
Ela batia-lhe, beliscava-o, mordia-o,  
arranhava-o, mas o Lulu fazia-se Inês  
d'Horta, nunca estava em casa, encon-

trava-se sempre ausente, a pensar na  
morte da bezerra ou na quadratura do  
círculo vicioso.

Uma vez que a Lili o beijou mais  
atrevida e demoradamente, o Lulu cheio  
de vergonha e de cuspo nas faces, deu-  
-lhe uma bofetada.

A Lili não se importou. Era sua  
prima e continuou a *sê-lo*, mesmo de-  
pois da estampilha.

\*  
\* \*

Ontem fêz um calor de rachar e o  
Belisário foi até à Foz apanhar lapas e  
a brisa marítima. Sufocava-se. Os raios  
do sol estufavam carne e mobílias com-  
pletas. O Lulu transpirava por todos  
os poros, porinhos e porões, e a von-  
tade dêle era pôr-se à frescalhota e atirar-  
-se para cima da cama. Mas por fatali-  
dade—o diabo tece-as!—a chave do  
quarto tinha desaparecido e era um  
perigo ir deitar-se, deixando a porta  
aberta... Não que a Lili era uma atre-  
vidona capaz de tudo!

Por volta das três da tarde a atmos-  
fera queimava. Não resistiu. Entrou no  
quarto e encostou a porta. Ouvia-se  
durante algum tempo a pena correr em  
cima do papel. Depois ouviu-se o ruído  
das botas caindo no chão e a seguir ou-  
viu-se que já se não ouvia nada. Tinha  
adormecido, despido, como um anjinho.  
Decorreram uns minutos. A Lili, pé  
ante pé, empurrou a porta, e ao olhar  
para a cama, onde o primo dormia o  
sono da inocência, soltou um grito de  
desprêzo e tristeza: Dependurado aos  
pés da cama, estava um *leiteiro*, com  
os seguintes dizeres:

**É PROIBIDO TOCAR NOS  
OBJECTOS EXPOSTOS**

Desde então para cá, a Lili nunca  
mais sentiu desejos de visitar os mu-  
seus...

**LEIDOAR.**

**A nossa estante**

Recebemos e agradecemos:

**Galgas & Lebres — Cunha e Sá**—Um  
esplêndido volume de contos humorísticos de  
caça, com um introito que começa assim: «Se  
não és caçador, não leias este livro».

Ora a verdade é que nunca batemos montes  
e vales, de espingarda aperrada e ôlho alerta.  
Contudo, lêmos *Galgas & Lebres* sem um  
bocejo, rindo muitas vezes, sorrindo sempre—

e quando chegamos ao capítulo *Autógrafos*, se  
o seu autor nos aparece nessa altura, era am-  
plexo de duas horas pela certa...

Belo livro que merece o beneplácito do pró-  
prio Santo Huberto e os nossos mais vivos  
aplausos...

**Aquele choupo isolado — João Maria  
Ferreira**—Uma «plaquette» adorável do nosso  
famoso e formoso Poeta João Maria Ferreira.  
E a MARIA RITA delirou, ao banhar-se na invol-  
vente ternura dêsse lindos versos do Vate—  
Comendador,—gentilíssimo amigo que nunca  
nos esquece e ao qual enviamos um abraço  
delirante...





# COISAS DE FORA

## Boletim internacional

### O 1.º de Maio

O pensamento inicial do 1.º de Maio foi o de uma riquíssima pândega fora de portas, *inter-amicus*, não desfazendo no pacífico burguês que não estava presente.

Mas Inglaterra deu o sinal de alarme, uivando, inesperadamente, nesse dia calmo, imprecações estruturalmente inóspitas contra o patronato; e Oxford, com as suas minas de camisas incandescentes e Londres, com as suas intermináveis searas de macarrão, seguiu-lhe o aterrador exemplo.—E o 1.º de Maio, até ali, dia de Paz e Fraternidade entre o proletário eslavo e nipónico, metamorfoseou-se numa jornada possivelmente sangrenta, para não dizermos mística e sintética.

A primeira bomba — aliás, aspirante-premente, — explodiu, boquiabertando o transeúnte e impedindo a circulação fiduciária dos eléctricos, no

reinado de Ramsés X, o ferocíssimo Faraó da Dinastia dos Ptolomeus. Estava um dia de sol e a folhinha proclamava, em caixa alta, o 1.º de Maio.

A bomba, ao ser arremessada, petardou um estampido horrível. Não houve desastres pessoais a lamentar, é certo; todavia, os seus estilhaços

rando num súbito alargamento da via, derrapou, voltando-se e arremessando todos os passageiros para um medonho precepção ultimamente ali construído para maior *frisson* dos viajantes.

A' hora a que telegrafamos, as exortações do *maire* da vila não conseguiram, ainda, arrancar os habitantes de Crestins-sur-Mer da tristeza que os esmagou. — H.

## Na América



Peço dois minutos de silêncio pelos que teem sêde...

## Tremor de terra

*Ilha do Leal, 4*—Um violentíssimo tremor de terra sacudiu ontem a nossa querida ilha, berço e túmulo de tanto nome ilustre, entre os quais cumpre destacar o do insigne inventor do *Savon-Singe pour dames et vitraux*.

Os lealeses vestem luto, tendo sido muito cumprimentados os arrojados aviadores da cavalaria ligeira, pelos esplêndidos serviços de socorro prestados durante o acto. Não houve desastres pessoais. Apenas se verificou a circunstância de algumas pessoas não acharem as respectivas casas no mesmo sitio. — H.

## Velho tema



— Aquele tipo é o homem mais feliz do mundo.

— ?

— E' genro de uma senhora completamente muda.

mortíferos danificaram alguns prédios e o pânico obrigou os cinemas a um jejum forçado de público.

Nesse dia, iniciara-se a época das reivindicações sociais e metalúrgicas. E, de então para cá, em data gloriosa mas fatal põe um tal arripio de pavor nos mais corajosos piões, desde o início da espinha dorsal ao término da mesma, que o vácuo faz-se e nem um gato nos é dado ver pelos telhados ou uma Julieta pelas janelas...

Lord BULL.

## POR ESSE MUNDO

### Greves sôbre greves

*Budapesth, 1*—Iniciou-se hoje a greve de braços caídos dos criados e criadas de mesa desta cidade, sendo enorme a quantidade de louça partida.

Consta que o movimento é chefiado e auxiliado monetariamente por um grupo de negociantes de louça e por algumas fábricas da mesma. — H.

### Desastre ferroviário

*Crestins-sur-Mer, 2*—O expresso das 17 horas, (Paris-Toquio-Crestins), ao passar no quilómetro 142, não repa-

## Distracção



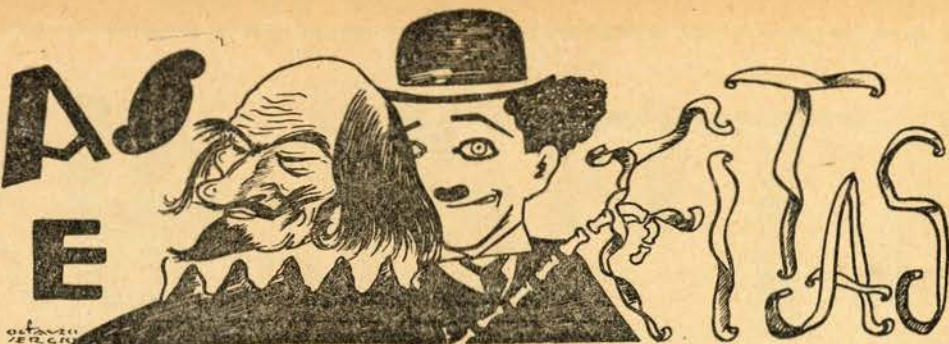
— O Senhor já chegou?

— Ainda não!

— Então, quando êle vier, diga-lhe que eu já estou pronta.



# PEÇAS E



## Um homem sem sorte

Dramalhão em 3 actos e 1 prólogo

Plena Idade-Média, embora alguns personagens sejam velhos

### PRÓLOGO

*Na recâmara de D. Silvina, esposa do barão Guy de Montemór. Silvina encontra-se junto de Gastão da Arrentela, infância de 21 anos, numa atitude que não deixa dúvidas.*

SILVINA—Meu amor!

GASTÃO, como num eco—Meu amor!

O BARÃO, no alto da torre de menagem, rigorosamente vestido de cota de malha; espreitando por um óculo para os aposentos da esposa—Maldição! É a terceira mulher que me prega esta partida! Decididamente, não tenho sorte nenhuma!

### ACTO I

*Sala de armas do castelo. O barão entra sobraçando um melão.*

BARÃO—Aqui, na sala de armas, é o meu lugar. Minha mulher não sabe que eu que sei, continua a tratar-me na mesma, e, por eu fazer anos hoje, manda-me êste melão de presente. Está envenenado, sem dúvida. Infame! *(Entra Silvina).*

SILVINA—Chamastes-me, senhor?

BARÃO—Chamei. Quero saber se envenenaste êste melão com açúcar de beterraba ou com pão tipo único.

SILVINA—Eu?

BARÃO—Tu!

SILVINA—Mas...

BARÃO—Sim! *(Silêncio prolongado. Forte na orquestra).*

SILVINA—Vou mostrar-vos que estais em êrro. *(Avança para uma panóplia, pega num espadagão, e corta o melão em duas metades. Depois, pega numa de elas e começa a devorá-la).*

BARÃO—Suspende, desgraçada, que se não deve comer melão em jejum! Não queiras morrer tão nova. Quem deve de morrer, sou eu, já que fiz a asneira de casar contigo. Vou suicidar-me. E a minha vingança será esta: deixarei em testamento tudo o que posuo à Associação Fraternal dos Maridos Enganados.

SILVINA, caindo de joelhos—Misericórdia!

BARÃO, com muita dignidade—A Misericórdia é lá em baixo, na rua das

Flores. Eu sou irmão de ela, desde que nasci. Por conseqüência, a Misericórdia é tua cunhada. Fica-te êsse parente rico, para te sustentar. *(Sai).*

### ACTO II

*Nos aposentos do fidalgo.*

O BARÃO, em cuecas e camisa de flanela—Chegou a minha hora. Que roupa devo vestir para a última viagem? *(Sentta-se, melancólico, e, no auge da angústia, começa a falar em verso:*

—Se não tenho pai nem mãe,  
nem parente, nem afin,  
quero, ao menos, que haja alguém  
que deite luto por mim!

*(Ergue-se e começa a enfiar umas calças pretas).*

Mas não! Um cavaleiro medieval deve morrer armado. *(Febrilmente, em*



*poucos minutos, enverga a armadura).* Eis-me pronto! Agora, a minha adaga! *(Pega no punhal e crava-o no peito. Crava, é um modo de dizer, porque a lâmina, batendo contra a couraça, quebra com mais facilidade que um comerciante moderno).* Maldição! Comprei esta adaga em Toledo e é isto que se vê: falsificada! Decididamente, não tenho sorte! Mas não importa! Morrerei enforcado. *(Pende ao longo da janela a corda do sino. O Barão corre para ela, dá-lhe um nó corredio, enfia o pescoço, murmurando:)* Adeus, ó vida que foste vida!

O SINO, balanceando-se com o impulso—Dlão-dão! Dlão-dão!

### ACTO III

*Um pouco abaixo, no terraço.*

O MORDOMO DO CASTELO—Quem diabo estará a tocar o sino? *(Olha para cima).* O senhor Barão enforcado! *(Sobe rapidamente as escadas, rapa da adaga que traz à cinta, e corta a corda).*

O BARÃO, batendo no lagedo—Pum! *(Ergue-se rapidamente e volta-se para o lado).* Quem foi que...?

O MORDOMO—Fui eu, meu senhor, quem vos salvou a vida. *(Mostrando uma mão ensangüentada).* Por sinal que, com a pressa, dei um golpe nesta mão.

O BARÃO—Fizeste-a bonita. *(Num grande desânimo):* Podes limpar as mãos à parede.

O MORDOMO, melindrado—Ainda tenho um lenço, meu senhor!

O BARÃO—Então, assoa-te a êsse guardanapo.

UM PAGEM, correndo—Senhor barão! Senhor barão! A esposa de vossa grandeza acaba de fugir com D. Gastão de Arrentela, e a mãe, ao saber da indignidade da filha, morreu de apoplexia.

O BARÃO, boquiaberto—Minha mulher fugiu?... E minha sogra morreu?!... Enfim, tive um bocado de sorte! Sempre é certo que a corda de um enforcado traz a felicidade!

### TURIDDU.

### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira:*— Companhia Lucília Simões-Erico Braga—*O Aldrabão.*

*Rivoli:*— Companhia Dramática Portuguesa—*A Mentina do Côro.*

*Águia d'Ouro:*— Cinema: As Luzes de Buenos-Aires.

*Olimpia:*— Cinema: *Uma Jóia de Rapariga.*

*Trindade:*— Cinema: *Dois Corações a Compasso.*

*Batalha:*— Cinema: *O Café do Felisberto.*



# Biblioteca do lar

Romances para as mãis e para os filhos

**Henri Ardel**

Fogo Mal Extinto (2.<sup>a</sup> edição).  
É preciso casar João! (2.<sup>a</sup> edição).  
A Alvorada (2.<sup>a</sup> edição).  
Uma Aventura Imprudente (2.<sup>a</sup> edição).  
A Divina Canção (2.<sup>a</sup> edição).  
A Noite Desce (2.<sup>a</sup> edição).  
O Caminho em Declive.  
Azul e Branco (3.<sup>a</sup> edição).

**Jean Thiery**

O Canto do Cuco.  
O Romance dum Solteirão.  
Corações Maguados.  
Vítimas.

**M. Delly**

Uma Mulher Sedutora (3.<sup>a</sup> edição).  
Por trás da Máscara (2.<sup>a</sup> edição).  
O Tesouro Sagrado (2.<sup>a</sup> edição).

**Paul Bourget**

O Fantasma.  
Hilda Campbell.

**B. Jeanroy**

Dois Corações.

**M. La Bruyère**

Flor de Lis.

**M. Damad**

A Enteada.

**Eduardo Noronha**

Com os olhos na Pátria.  
As Mulheres de Pernambuco.

**António Zozaya**

As Auroras.  
Almas de Mulheres.

**Georges de Peyrebrune**

Dona Quichota.

**Campol**

Dois noivados.

**Alberto Insúa**

Coração Ludibriado.

**Claude Saint-Jean**

O Castelo dos Noivos.

**Palácio Valdés**

A Alegria do Capitão Ribot.  
A Irmã de S. Sulpício.

**Jean Rameau**

Romance da Felicidade.

**Pièrre de Caulevain**

A Ilha Desconhecida.  
No coração da Vida.

**Mary Florian**

Se Éle Soubera.

**Branca da Silveira e Silva**

A Herdeira.

# Colecção de hoje

Biblioteca de romances da actualidade

**Alberto Insúa**

O Preto que tinha a Alma Branca (2.<sup>a</sup> edição).  
A Mulher que Precisa de Amor.  
A Mulher que esgotou o Amor.  
O Inimigo do Matrimónio.  
O Prazer do Perigo.

**Clément Vautel**

Sua Reverendíssima entre os Ricos.  
Sua Reverendíssima entre os Pobres.  
Minha Mulher não quer Filhos.  
Uma Menina sem Cerimónia.  
O Amor à Parisiense.  
Uma Mulher de Temperamento.  
A Reabertura do Paraíso Terrestre.  
Sou um Burguês Terrível.

**Pierre Benoit**

O Poço de Jacob.  
A Calçada dos Gigantes.  
Mademoiselle de la Ferté.  
O Lago Salgado.

**Palácio Valdés**

Os «Majos» de Cadiz.  
Marta e Maria.  
Riverita.

**A. Hernandez Catá**

Os Sete Pecados.  
O Bebedor de Lágrimas.

**Fernandez Flores**

As Sete Colunas.  
O Segredo do Barba Azul.

**José Francés**

A Mulher de Ninguém.  
O Filho da Noite.

**Pedro Mata**

Um Grito na Noite.  
Corações sem Rumos.

**Alfio Berreta**

A Morte do Sonho.

**Tomás Borrás**

A Mulher de Sal.

**Cada volume brochado, 10\$000 — Encadernado, 15\$00**

**Pedidos à EMPRESA CIVILIZAÇÃO — Rua do ALMADA, 107-2.º — PÓRTO**

Visado pela Comissão de Censura